

**Autor: Alicia L. Lopez Groppo**

**Título:** Incorporação, corpo, nomeação

**Dispositivo: Mesas Simultâneas de Trabalhos Libres**

---

Interrogaremos as trajetórias e suas conseqüências, efetuadas na cena de uma análise de um “infans” (3 anos) que não recebeu o dom da palavra.

Ela por diversas vias cria a falta que sua mãe não pôde doar-lhe.

Primeiro apela à expulsão, jogando longe e violentamente uns brinquedos que funcionam como projéteis, isto constitui o vazio como primeiro objeto pulsante, acompanhando o gesto com algum som.

Põe a caixa como chapéu, submergindo-se nesse nada. O vazio a investe.

A voz só se incorpora se ressoa no vazio do Outro, quando pode identificar que ela está dirigida em sutis diferenças de tons.

Faz um primeiro rabisco significativo, um traçado circular envolvente que continua em outro pequeno, ficando entrelaçado. É ela dentro da mãe.

Matrizado no vazio do Outro primordial, a voz cai pelo oco do corpo.

Nesse mesmo vazio produzido pela expulsão que a investe, brinca de cozinha, serve-se, pronuncia algo parecido a “talharim”. A letra “T” é a inicial do nome do pai.

A confirmação desta operação de incorporação a dá desenhando com duas cores: a mãe de vermelho, o pai de azul e no meio, ela de vermelho com o umbigo de azul. Há nela um traço do pai.

As primeiras representações de figura humana foram como cabeças de onde saíam braços na altura da boca, estão ao serviço da incorporação. Logo depois outro círculo separado, representa o corpo. Não há entrelaçamento do corpo. Depois de incorporar um traço do pai pode representar a figura humana completa, os círculos se juntam. O corpo toma consistência imaginária.

Brinca de fazer uma corrida entre um carro e um caminhão, dentro do qual vai o pai preso. Ganha o carro. Com desembaraço festeja: “papai perdedor!”.

Em outra brincadeira, um pai preso por um cavalo. Enganando-o, levam o pai ao trabalho. Aparece outro cavalo para o pai, que diz: “Vamos, huija! huija!, cavalinho (“huija”- onomatopéia equivalente a arre).

Intervenção do analista: “hija, hija” (filha, filha). O pai chama a filha.

Os cavalos brigam. O pai, energicamente, repreende o cavalo.

Sem pudor, mostra seu domínio sobre um pai impotente com respeito à transmissão do Falo, preso pela força indômita do cavalo. A passagem do traço do pai chega tardiamente, falha a repreensão originária.

Vemos um giro do pai perdedor que chama a filha selando uma aliança simbólica. Da rejeição ao pai, gozando-o como perdedor, sem potência fálica, no momento em que entrega sua força indômita à aceitação do poder fálico do pai que a humaniza. Em que posição se encontra o analista quando recorta um significante “filha”, ato que o surpreende nomeando?

Encontramos uma orientação em uma pergunta que faz Lacan: poderia o psicanalista de vez em quando, em uma psicanálise, ser o pai real?

Aí vem de outorgar-lhe ao pai real valor de operador estrutural, promovendo-o também como pai do real, enquanto que se opera, constitui o real como impossível. Tope lógico, ao reservar-se o gozo, institui algo permanentemente inacessível.

O pai real é efeito da linguagem, é pai por causa do significante que mortifica o organismo.

Entre “huija-huija” cai “hija” (filha), recorte na insistência significante que produz perda, renúncia ao gozo do indômito, operação no real introduzida pela incidência do significante, cujo objeto é o falo imaginário.

Procede da natureza do ato, aquilo que faz com que não se possa voltar atrás, para que a passagem do traço do pai mereça um ato é necessário que passe e que o diga como tal, do pai preso ao pai que repreende o cavalo.

Um pai a quem se pode dirigir o amor e que pede ser amado. Não é portador de uma palavra de ordem, mas faz entrar na ordem da linguagem.

Dar-lhe ao pai real categoria de operador estrutural é situá-lo com respeito à passagem do Falo Simbólico.

Nesse giro encontramos escritura do pai da exceção, pelo menos um que nega a função fálica, mas ao ter se produzido tardiamente, mostra-se debilitada sua função de reserva do gozo, não expulsa a menina do lugar de exceção, não fica interdito o posto de filha excepcional. Tratar-se-ia então de um pai procriador muito diferente do pai do significante.

Como entender essa nomeação produzida na cena da análise?

O pai que a chama de filha sela uma aliança simbólica, inscreve-a em uma corrente filiar, tende ao simbólico. Entre pai e filha pareceria que as coisas se encaminham.

Nomeá-la filha não é suficiente para fazer marca de nada, não quebra a identidade consigo mesmo. Pelo contrário, “filha” a nomeia como objeto referido a uma relação.

Situamos “filha” como significante amo que comanda, há um Uno que comanda que faz o ser “filha”. É um Uno que mantém unidos simbólico e imaginário.

É um pai que nomeia, que consagra-as-coisas-com-um-nome-de-falatório, o falatório se entrelaça a algo do real.

No entanto temos que fazer a diferença com o pai que dá o nome, com o que tem de mais fundamental que é indicar o que não se é. Receber um nome é encontrar-se humanamente acolhido na ordem instituinte das gerações como indivíduos plurais, diversos e diferentes de seu nome.

Filha é um nome funcionando como um Uno não esvaziado, conserva a referência, não conta como zero. Como conjunto vazio que possa receber uma marca que o faça contar como um entre os outros e ao mesmo tempo único.

Unir um nome às coisas dá consistência ao real, produz efeito de sentido. Um pai que consagra o nome à coisa, neste caso tem como consequência que Ema possa falar, embora não conte com o eixo metafórico do discurso em plena eficácia, para poder substituir tem que estar assegurada a ausência. Não produz enunciação.

O pai nomeante permite salvar a roupagem fálica, produz um S sub-1, sem buraco, esta é uma filiação que a deixa tomada por um falo que a trava, levada a fazer semblante do poder. Fala de maneira imperativa.

A primeira aparição do desejo do Outro toma forma de mandamento.

Ema não sofre o peso afânico do significante amo, exercita o discurso amo com um modo “ser-aí”, uma filha como deve ser. Se se encontrasse forçada a abandonar o lugar de mando, quem cairia seria ela.

A renúncia do gozo acaecida é insuficiente para construir uma borda por onde caia o objeto. Esta inacabada constituição do objeto facilita a expansão do imaginário sobre o simbólico.

Quando o Outro primordial não pôde acolher suficientemente bem ao filho por vir, também não pode fazer “fort-da”, por conseguinte se apropria dele.

Nesta intervenção se articula um pai procriador que estigmatiza, nomeia para uma função ou lugar, quando se perde a dimensão do amor ao nome do pai, este se substitui por uma função “nomear para”. Ser nomeado para algo desponha uma ordem que substitui o Nome do Pai, caso em que a mãe seria suficiente por si mesma.

Neste caso o social toma predomínio de nó, restitui-se com isso uma ordem, retorno do Nome do Pai no real enquanto que é rejeitado. O consagrar-uma-coisa-com-seu-nome-de-falatório une imaginário e simbólico, não faz “ex-sistir” o inconsciente.

#### Bibliografía:

J.Lacan: “Las Formaciones del Inconsciente” Sem.5

“La Angustia” Cap.XX Lo que entre por la oreja.

“El Reverso del Psicoanálisis” Cap.VIII Del mito a la estructura.

“La lógica del fantasma” (inédito) Sem.15/2/67.

“Le non dupes errent” (inédito) Sem. 12/2/74, 19/3/74

“R.S.I” (inédito) Sem. 21/1/75, 11/2/75, 18/2/75